

E o cinema mostra o Caetanear

Marcello Queiroz

Do mel de cor ímpar ao chapéu azul do cavaleiro de Jorge, o universo artístico trilhado por Caetano Veloso é um permanente processo de construção e desconstrução de signos, sentidos, ritmos e cenas. A parte das cenas foi um dos destaques da terceira edição do Festival Internacional de Cinema de Roma, que termina na próxima sexta-feira (31). No último sábado (25), aconteceu a estréia internacional do filme "Coração Vagabundo", dirigido por Fernando Grostein Andrade, 27 anos, diretor de cena da Cine, que acompanhou Caetano em três etapas musicais durante a turnê do show "Foreign Sounds", em São Paulo, Nova York e no Japão, entre 2003 e 2006. "Coração Vagabundo" foi uma das atrações da seção "Occhio sul Mondo", neste ano dedicada à diversidade e à "renovação" do cinema brasileiro. Foram selecionados 22 longas-metragens do Brasil.

Antes da estréia internacional em Roma, "Coração Vagabundo" participou do festival É tudo verdade, realizado em São Paulo e Rio, no último mês de abril, e no último domingo (26) o longa, um documentário, esteve na programação do Festival In Editio, que acontece em Barcelona. No Brasil, ele deve entrar em circuito comercial ainda em novembro. Formado em cinema pela USC (University of Southern California) e administração pela FGV e roteiro pela UCLA (University of California), Fernando Andrade trabalhou no filme durante cinco anos, três nas filmagens e dois na edição. "Para quem está acostumado a fazer publicidade com processos de 30 segundos, que duram uma semana ou um mês no máximo, você pegar cinco anos é uma eternidade", ele diz ao sentir "alegria e emoção" pela estréia em Roma.

Fernando também dirigiu o curta "De morango", filmado em 2001, sobre fantasias sexuais. O curta chamou a atenção da produtora Paula Lavigne, da Natasha Filmes, que o convidou para dirigir um clipe para o filme "Lisbela e o Prisioneiro". O clipe foi o passo para ser contratado pela Cine onde Fernando trabalha tanto com produções da divisão de conteúdo da produtora quanto com a área de comerciais publicitários. A Natasha Filmes e a Cine, com produção executiva de Paula Lavigne e Raul Dória, são as produtoras de "Coração Vagabundo" ou "Wandering Heart" ou "Cuore Vagabondo" na versão italiana. Na última quinta-feira (23), com o coração nas mãos diante das expectativas sobre a projeção de seu filme, seguida de um pocket show do próprio Caetano, o diretor Fernando Grostein Andrade falou com o propmark. O filme aborda a superação do provincianismo, segundo o diretor, que quase foi preso por filmar sem autorização no Carnegie Hall, que emagreceu nove quilos para reunir 57 horas de filmagens e que fez várias descobertas ao entrar na intimidade artística de Caetano Veloso. Além do longa, Fernando também falou sobre conteúdo, cinema e publicidade. Leia abaixo alguns trechos da entrevista.

O COMEÇO

"Tudo começou com o pocket show no Baretto do Hotel Fasano. Antes de começar o show, eu queria que alguém fizesse uma câmera comigo porque eu queria ir ao quarto conversar com o Caetano. Ninguém queria fazer a câmera, a gente estava fazendo HD, ninguém queria operar câmera pequena, portátil, semiprofissional. Peguei um assistente de câmera, uma câmera digital, bati na porta do quarto, abriu a Paula (Lavigne), falando entra, entra, entra. De repente, ela escancara a porta e está lá o Caetano pelado, fazendo a barba. Ele falou um monte sobre o disco em inglês. Daí fui fazer o show e aconteceu uma coisa que eu nunca tinha ouvido falar na vida. Uma câmera pegou fogo no meio da apresentação. Antes de começar o projeto eu tinha conversado com o Paulo Lima (da Editora Trip), que sempre me orientou na minha vida profissional. Ele disse para eu estar aberto ao inesperado porque nem sempre sai tudo como planejado. Não aconteceu como o planejado porque a câmera pegou fogo, mas eu também não imaginava que ia conseguir uma cena do Caetano pelado, se barbeando. Não era qualquer um pelado, era o John Lennon brasileiro, o nosso Bob Dylan e quem fala isso não sou eu. O New York Times fez essa comparação e afirmou que ele (Caetano) é um dos maiores artistas do século. Era uma imagem forte."

BAIANADA

“Fui atrás do Caetano em Nova York continuar o making of e de novo o destino me pregou uma peça. O Carnegie Hall queria cobrar 10 mil dólares por minuto para filmar o show. Não tinha esse dinheiro de jeito nenhum. Lembrei do Paulo (Lima) e decidi aprender com o imprevisito. Já que estou com o Caetano em Nova York, vou conversar e filmar a conversa com ele. Sempre no esquema eu, uma câmera, o Caetano e um amigo ajudando. Daí surgiu uma questão que é o fato de em São Paulo o termo baianada ser usado para descrever uma coisa que deu errado ou que é cafona. Eu sempre me incomodo muito com coisas preconceituosas quando não são brincadeira, quando são sérias. Brincadeira tudo bem porque todo mundo faz. Me chamou a atenção o fato de eu estar filmando um baiano cantando músicas sofisticadas em inglês no Carnegie Hall. Comecei a conversar sobre isso com ele e vi que ele não estava à vontade. Aí ele falou uma frase que para mim bateu o coração e eu vi que tinha um filme ali. Ele falou ‘Eu sou de Santo Amaro, eu cresci em Santo Amaro até os 18 anos de idade. Eu não sou um cara de São Paulo’ e apontou pra mim que estava segurando a câmera.”

FRANQUEZA

“Levei o material para São Paulo, mostrei para o Raul (Dória), que é meu chefe e produtor do filme, e o Raul, que vem de uma geração em que o Caetano é deus, diferente da minha, falou que aquilo não era um making of, que era um documentário porque o material era histórico, ninguém nunca fez, ninguém nunca viu o Caetano falando tão abertamente, com tanta franqueza, tão de igual para igual. Foi aí que eu percebi que tinha o filme e foi aí que nasceu o filme. A gente editou um corte de 30 minutos, passou-se um tempo e o Caetano foi fazer uma turnê no Japão e aí eu enxerguei perfeitamente os três atos dessa história. O primeiro em São Paulo, o segundo em Nova York e o terceiro no Japão, sempre explorando a idéia do talento cruzar continentes.”

GERAÇÃO

“Eu sempre achei o Caetano interessante e tal, mas para mim ele era muito mais um cara com músicas legais, que foi importante para o Brasil na época da ditadura para defender liberdade de expressão e tudo isso, mas eu nunca tinha enxergado o Caetano como a geração da minha mãe enxerga, por exemplo, que é essa coisa de deus e tal. Nunca tinha enxergado um aspecto mais interessante ainda que é o aspecto que eu tentei abordar no filme, que é a questão da superação do provincianismo. Eu nunca havia enxergado nele um cara capaz de reinventar nossa cultura, capaz de assimilar influências externas e populares e misturar influências de raiz como o samba ou com coisas mais sofisticadas como a bossa-nova. Eu nunca tinha entendido a importância do tropicalismo, de alguém fundir tudo isso e fazer uma coisa genuinamente brasileira, capaz de fazer sucesso lá fora. Nosso País faz sucesso com futebol ou com bunda o que não tem nada de errado, mas música é muito mais interessante. Nesse sentindo, ao perceber o Caetano dessa forma, ele se transformou em um herói para mim porque é um cara que mostra o que a gente tem de melhor, que é a música. Foi isso que eu consegui documentar com esse filme.”

INTIMIDADE

“O filme é muito intimista. Existia um desafio que foi mostrar a intimidade artística do Caetano como profissional e como músico e não a intimidade passível de sair em uma revista de fofocas. Todo mundo sabe, nesse meio tempo, que ele se separou de um casamento de 20 anos e isso tornou o processo muito delicado porque tanto o Caetano quanto a Paula (Lavigne) me deram um voto de confiança muito grande. Jamais gostaria de fazer alguma coisa que ficasse perto da prateleira da revista de fofoca e não da prateleira de cinema.”

ROTEIRO

“Quando eu terminei a parte do Japão, eu já estava com 57 horas de material. Foi um desafio muito grande fazer a roteirização, fazer um filme com coerência, com começo, meio e fim. Apesar do filme ser muito leve, falar de bobagens, de ter momentos emocionantes e tal, pra mim o filme tem um conteúdo no subtexto muito sério que é essa questão do provincianismo.”

Foi um trabalho muito duro conseguir roteirizar esse material todo de modo que ele se tornasse gostoso de assistir, ou seja, entretenimento com conteúdo. Que é o que eu sempre busco fazer no meu trabalho.”

PORRADAS

“Tomei muitas porradas tipo assim ‘Quem você pensa que é para com 20 e poucos anos querer fazer um filme do Caetano?’ ou tipo pessoas babacas que vinham me dizer que fazer um filme do Caetano é fácil. Fundamentalmente o que eu aprendi é uma coisa que o Clóvis (Melo, sócio e diretor de cena da Cine) me falou logo que eu entrei na Cine. Mais importante do que saber fazer o efeito especial, do que fazer pirotecnias e saber filmar com grandes sets, é você saber o poder de uma pessoa e uma câmera, você ter um ator e uma câmera. Esse filme foi um filme que eu fiz inteiro com uma câmera e uma pessoa. Acho que são poucos longas no mundo que foram filmados por duas pessoas e isso foi um amadurecimento muito grande porque você aprende a valorizar todas as funções que estão adjacentes no processo. Eu fiz o filme, produzi, fiz a fotografia, eu fiz cenas sem autorização de locação em Nova York, quase fui preso pela polícia americana, quase perdi minha entrevista com Almodóvar, perdi nove quilos no Japão. Já sou muito magro e isso representou um problema sério de saúde. Saio dessa história mais cauteloso.”

EXAUSTÃO

“O mais importante é você ter uma boa idéia e saber dirigir o ator mesmo sendo um documentário. As pessoas falam, ‘Ah, mas é fácil, é só ligar a câmera e conversar com o Caetano’. Não é fácil. Existe uma forma de você abordar a pessoa para que ela se sinta à vontade e isso não é fácil ainda mais diante de um cara que é considerado um mito. Meu grande trunfo com ele foi fazer a entrevista de coração aberto, foi realmente perguntar o que eu não sabia e ele saber que eu estava perguntando de verdade. Foi fácil trabalhar com ele. A maior dificuldade de trabalhar nesse processo foi a exaustão de fazer tudo sozinho. Não é fácil chegar do Japão, com um fuso de 12 horas e sair resolvendo problemas. Isso foi bem desgastante. Fiz o filme inteiro praticamente andando de costas com a câmera, fiquei com muita dor nas costas. É difícil fazer uma câmera estável andando de costas.”

OUTROS FILMES

“Tenho outros projetos, por enquanto embrionários, mas sempre com o intuito de fazer coisas divertidas e com conteúdo, sem ter a pretensão de querer educar, ensinar ou discutir grandes polêmicas e sim discutir questões humanas. O que eu não quero fazer jamais é um filme para meia dúzia de pessoas.”

JUVENTUDE

“Eu acho que juventude é uma condição. Não é conquista de ninguém. Não dá pra se gabar de ser jovem porque jovem todo mundo é um dia e todo mundo vai deixar de ser. Inclusive tem uma parte no filme que o Caetano diz: ‘É melhor passar do que morrer cedo’. O que eu acho mais importante de juventude é ter uma cabeça aberta, sem preconceito contra pessoas, sem preconceito contra linguagem, sem preconceitos em querer aprender. Nesse aspecto, eu acho o Caetano um dos caras mais jovens que conheço. Um cara de 64 anos sem preconceitos, capaz de assimilar diversas culturas, conversar de igual para igual com empresários, com taxistas, com músico, com todo mundo...”

PUBLICIDADE

“Recentemente fiz uma campanha da Yamaha para a FAM. Também adorei fazer o site da Bauducco com a Almap. Gosto muito de trabalhar com o pessoal de internet da Almap porque sem dúvida é um dos lugares onde há a maior liberdade criativa possível, é um processo onde há muita troca. Uma das coisas mais bacanas na publicidade é justamente não ficar preso em fazer só publicidade ou só entretenimento. Gosto de fazer diversas coisas exatamente para uma coisa oxigenar a outra. O documentário do Caetano me trouxe a

experiência, a segurança de ver o que é possível fazer só você, a câmera e o ator. Com isso eu fiz uma campanha para a Vale, com a dona Raimunda, senhora de 94 anos, que estava aprendendo a ler. A experiência do Caetano levei para a publicidade e outras coisas de publicidade eu levei para o filme do Caetano.”

REALIDADE

“Quando eu faço comercial, eu adoro manipular eletronicamente as imagens e tem gente que faz documentário e não gosta de mexer na imagem, acha que a imagem tem de ser o que ela é. Mas eu acho que é uma tremenda bobagem porque a partir do momento que você enquadra, que escolhe uma lente, uma obturação ou um diafragma, você já está manipulando uma imagem. Eu mexi e fiz correção de cor pesada no documentário do mesmo jeito que eu faço em um comercial, sem medo de ser feliz. Fiquei feliz em fazer isso sem neura de estar traindo a realidade. Essas trocas de linguagem são bem interessantes.”

CINEMA

“Tem muita coisa boa, mas tem muita porcaria. O investimento no cinema no Brasil não é meritocrático. Você consegue dinheiro para o seu longa se você tiver uma boa relação com algum político, com algum patrocinador. Acho ruim que não haja bons roteiristas. As melhores cabeças de roteiro estão na publicidade. Cada vez mais a publicidade vai se fundir com os filmes. Eu espero que as cabeças que fazem roteiros de publicidade se tornem também as cabeças que fazem roteiro de cinema. A indústria de cinema no Brasil tem dois gargalos: um é o investimento que não é meritocrático, só em bases políticas e o outro é o roteiro.”

Fonte: Propmark, São Paulo, 27 out. 2008, p. 27.